

A TRADUÇÃO DO DIALETO INGLÊS SULISTA NORTE-AMERICANO NO BRASIL: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS

HANES, Vanessa Lopes Lourenço

Resumo: O foco deste trabalho é analisar em linhas gerais a tradução do dialeto inglês sulista norte-americano no Brasil, e os possíveis caminhos futuros desta prática. A discussão perpassa o que este dialeto abrange, e a forma como ele vem sendo historicamente traduzido no Brasil até o momento, com destaque para a sua tradução em legendas de obras fílmicas. E, num segundo momento, são apresentadas as perspectivas vislumbradas frente à tradução do fenômeno linguístico abordado. A base teórica adotada para a análise proposta são os Estudos Descritivos da Tradução.

Palavras-chave: inglês sulista norte-americano; tradução de dialeto; Estudos Descritivos da Tradução.

Abstract: The focus of this article is to present a general analysis of the translation of the Southern American English dialect in Brazil and enumerate possible future developments for this practice. The discussion examines the dialect's characteristics and how it has been historically translated in Brazil, particularly in motion picture subtitles. Subsequently, future perspectives for the translation of this linguistic phenomenon are presented. Descriptive Translation Studies are the theoretical basis adopted for the analysis.

Keywords: Southern American English; dialect translation; Descriptive Translation Studies.

1- O dialeto inglês sulista norte-americano

É de conhecimento geral que a língua inglesa é objeto de estudo de diversos pesquisadores brasileiros, em diversas áreas e subáreas, incluindo o âmbito dos Estudos da Tradução.

Todavia, há um aspecto do inglês norte-americano que permanece muito pouco explorado pela academia no Brasil: os seus dialetos. Dentre estes dialetos, encontra-se o objeto do presente estudo, a saber, o inglês falado no sul dos Estados Unidos, denominado inglês sulista norte-americano.

Antes de tratar de sua relação com a área de tradução, inicialmente será apresentado um panorama geral do dialeto em apreço.

Segundo dados do governo estadunidense (obtidos através do site oficial do *United States Census Bureau*), a região sul do país é composta por dezesseis estados: Flórida (FL), Geórgia (GA), Maryland (MD), Carolina do Sul (SC), Carolina do Norte (NC), Virgínia (VA), Virgínia Ocidental (WV), Delaware (DE), Alabama (AL), Kentucky (KY), Mississippi (MS), Tennessee (TN), Arkansas (AR), Louisiana (LA), Oklahoma (OK), e Texas (TX). Estes estados englobam 36% da população norte-americana. E é nesta vasta região geográfica que é falado o dialeto sulista.

Porém, embora de forma generalizada o inglês sulista seja tecnicamente classificado como um dialeto, de acordo com Johnson e Montgomery (2007) na realidade ele engloba diversas subvariedades dialetais faladas em diferentes territórios. Dentre estas subvariedades encontram-se: *Appalachian English*, *New Orleans English*, *Outer Banks English*, *Ozark English*, *Lumbee English*, *Texas English*, *Tidewater*

Virginia Dialect, Charleston English, Bahamian English, Cajun English e Chesapeake Bay English.

Deste modo, apesar de inicialmente parecer pouco lógico, o inglês sulista norte-americano é, ao mesmo tempo, uma unidade coesa e um aglomerado heterogêneo. É coeso por ser bastante divergente do inglês falado no norte do país de modo geral, e por o sul ser percebido como extremamente oposto ao norte. Mas, ao mesmo, tempo, é heterogêneo por ser composto por diversas subvariantes linguísticas cheias de singularidades.

Uma das causas para tanta diversidade certamente se encontra nas origens do inglês sulista. Johnson e Montgomery afirmam que o inglês falado no sul foi influenciado por diversas nações diferentes: índios americanos, escravos africanos (em especial da família niger-congo), e colonizadores europeus (alemães, espanhóis, franceses, e ingleses).

Não se pode ignorar que as diversas variedades do inglês sulista são parte da identidade social única que foi historicamente construída por seus falantes com base em tantas raízes diferentes. Como afirma Wolfram (2003, p. 124) “[...] é seguro concluir que nenhuma região nos Estados Unidos tem senso mais forte de sua identidade”.¹

E uma identidade social tão fortemente estabelecida não pode deixar de ser notada e representada nas diversas esferas culturais norte-americanas. Assim, o inglês sulista tem sido historicamente abordado de diversas maneiras, através de diferentes tipos de expressão artística, incluindo literatura, cinema, televisão e música.

E é a partir daí que este fenômeno linguístico passa a ser relevante para a área dos estudos da tradução.

2- Trajetória da tradução do inglês sulista norte-americano no Brasil

Os países de língua inglesa têm grande poder de influência sobre as demais culturas, e por isso sua produção nas mais diversas áreas tem grande aceitação pelo mercado internacional. E é nessa esfera que se insere o tradutor profissional: é ele que serve de ponte entre o público e os produtos oferecidos pelos países estrangeiros em geral, traduzindo desde rótulos de produtos e comerciais de TV até obras artísticas para que o público consumidor sem proficiência na língua em questão tenha acesso ao que lhe é oferecido.

Considerando que o inglês sulista é parte (ainda que muitas vezes negligenciada por conta de relações de poder inerentes à cultura) dessa língua hegemônica, o profissional de tradução tem historicamente se deparado com essa variante linguística em diversos tipos de trabalho. Há, por exemplo, várias obras literárias norte-americanas nas quais predomina o inglês sulista. Entretanto, o meio de comunicação no qual esse fenômeno se apresenta mais comumente ao tradutor é em obras fílmicas ou programas de televisão. Assim sendo, os profissionais que trabalham com legendagem e dublagem estão mais expostos às diferentes subvariedades do inglês sulista.

A trajetória da tradução do inglês sulista no Brasil tem sido marcada pelas dificuldades tradutórias. De acordo com Tavares (2009), o tradutor pode se deparar tanto com dificuldades tradutórias lexicais quanto culturais em seu fazer profissional. E, no caso do inglês sulista, ambas ocorrem. Isto porque este fenômeno linguístico utiliza itens lexicais e estruturas gramaticais divergentes da norma padrão do inglês, e porque, além disso, há grande conotação cultural em muitas dessas ocorrências, o que exige que o tradutor, ainda que tenha excelentes conhecimentos da língua do texto-fonte, tenha

¹ [...] it is safe to conclude that no region in the United States has a stronger sense of its identity.

também familiaridade com a cultura sulista. Outro aspecto dificultador que não pode ser ignorado é que o dialeto é deveras abrangente também numericamente. Algeo (2003) menciona dados do DARE, um dicionário tido como referência por linguistas americanos que mapeou de maneira séria os regionalismos do país:

Os três volumes publicados do *Dictionary of American Regional English*, de Cassidy e Hall (1985), cobrindo o vocabulário de A a O [...] contêm por volta de 4.500 palavras identificadas como *Inland South*, *South*, *South Atlantic*, *Southeast*, ou *South Midland*, além de outras identificadas como de estados ou áreas individuais, como as montanhas *Appalachian* (2003, p. 16)²

Esta citação deixa claro que há muito vocabulário específico, além das construções e combinações de elementos gramaticais únicos que não são englobadas na contagem aqui mencionada.

Diante da curiosidade para verificar como os profissionais de tradução têm lidado com estas dificuldades tradutórias, a autora deste estudo buscou em sua pesquisa de mestrado compreender como o dialeto em questão vem sendo traduzido em legendas fílmicas. Os resultados levantados demonstraram que a trajetória de tradução do inglês sulista em legendas tem sido regida por quatro normas tradutórias gerais, aqui compreendidas segundo o conceito de normas desenvolvido por Toury (1995).

Para Toury o texto de chegada deve ser analisado dentro do contexto ao qual pertence, visando ajudar a compreender o processo que determinou esse formato final. Esse processo, para Toury, seria influenciado pelas chamadas normas tradutórias. Essas normas são presentes em todas as sociedades, e quando ocorrem regularmente possibilitam o estabelecimento de padrões em determinado sistema. A abordagem de Toury é, portanto, behaviorista. Ao observar regularidades na conduta do tradutor é possível buscar explicá-las. Se forem desconsideradas as regularidades que podem ser atribuídas a diferenças estruturais entre as línguas envolvidas, e focalizadas as escolhas não obrigatórias, é possível focalizar restrições externas e sócio-culturais para explicar preferências recorrentes de tradutores, e são estas restrições que Toury chama de normas (Hermans, 1999).

É possível afirmar, com base nos resultados obtidos na dissertação de mestrado já mencionada (Hanes, 2011), que as seguintes normas tradutórias têm regido a tradução do inglês sulista norte-americano em legendas:

- Estruturas gramaticais características do dialeto, e divergentes da norma culta da língua inglesa, tendem a ser traduzidas segundo a norma culta do português brasileiro.
- Itens lexicais ou expressões que não impliquem em, ou estejam associados a, estruturas gramaticais divergentes da norma culta tendem a ser traduzidos de maneira mais coloquial.
- O uso do conhecimento do *background* cultural por trás do inglês sulista norte-americano influencia diretamente as opções tradutórias frente a este fenômeno linguístico.
- As traduções fílmicas no Brasil não expressam em seu conjunto as peculiaridades do dialeto presentes no texto-fonte, mas têm formato mais homogeneizado linguisticamente.

² *The three published volumes of Cassidy and Hall's Dictionary of American Regional English (1985-), covering the vocabulary from A to O [...] contain some 4,500 words labeled "Inland South", "South", "South Atlantic", "Southeast", or "South Midland," plus other labeled for individual states and areas like "Appalachians".*

Porém, diante destas normas encontradas para a tradução fílmica, surge o questionamento: será que as mesmas normas se aplicariam à tradução de obras literárias? Com base no que afirma Milton (2002), é possível dizer que, em linhas gerais, os mesmos princípios se mostram presentes na tradução de literatura. O dialeto não é de modo geral traduzido como dialeto, e as estruturas gramaticais dialetais são apresentadas como português padrão nos livros traduzidos.

Milton discorre sobre a análise das traduções de uma das mais famosas obras literárias sulistas, *Adventures of Huckleberry Finn*, livro escrito por Mark Twain em dialeto, que é apresentado em quatro traduções brasileiras sem traços dialetais. Para ilustrar este fenômeno, a seguir é apresentado um quadro com um trecho do texto em inglês escrito por Twain, e uma de suas traduções, realizada por Monteiro Lobato.

"Why, Silas! Look <u>yonder</u> ! - up the road! - <u>ain't</u> that somebody coming?"	- Olhe lá, Silas. Parece-me que alguém se aproxima. Veja...
He sprung to the window at the head of the bed, and that <u>give</u> Mrs. Phelps the chance she wanted. She stooped down quick at the foot of the bed and <u>give</u> me a pull, and out I come; and when he turned back from the window there she stood, <u>a-beaming</u> and <u>a-smiling</u> like a house <u>afire</u> , and I standing <u>pretty meek</u> and sweaty alongside.	Mr. Phelps correu à janela, dando azo a que sua esposa se agachasse e me fizesse sinal para erguer-me. Ao voltar-se, o bom homem viu a mulher transfeita em sorrisos, a satisfação personificada, e ao seu lado eu, muito humilde e a suar abundantemente.

Quadro 1 – Quadro comparativo de trecho do livro *Adventures of Huckleberry Finn*, de Mark Twain, e de sua tradução em português brasileiro feita por Monteiro Lobato.

Todas as palavras sublinhadas no texto em inglês se tratam de ocorrências dialetais.

Milton apresenta diversas possibilidades como causa de o dialeto não ser traduzido como dialeto em obras literárias. Ele menciona que, diante da baixa remuneração e dos curtos prazos, “o tradutor seguirá o caminho mais fácil e adaptará os dialetos ao padrão” (p. 62). Entretanto, Milton vai além ao lidar com questões históricas da cultura brasileira: segundo o autor, há uma visão conservadora no Brasil, na qual o dialeto não tem espaço; a prioridade é dada à norma culta. Ele afirma ainda que as normas culturais e editoriais cumprem um grande papel na aceitação ou não do uso de dialeto na tradução. De fato, segundo Milton, caso os tradutores busquem traduzir o dialeto no Brasil “podem esbarrar na possibilidade de o editor não permitir que [a tradução] passe” (2002, p. 61), ou seja, seu trabalho pode simplesmente não ser aprovado.

Em suma, a trajetória da tradução do dialeto inglês sulista norte-americano no Brasil tem sido determinada por uma omissão do dialeto no texto-alvo. Este fenômeno linguístico tem sido, em linhas gerais, quase que ignorado nas traduções fílmicas e literárias existentes até a presente data, nas quais ele é escondido mediante a língua portuguesa padrão.

Diante desta realidade, quais seriam as perspectivas para a tradução do dialeto em questão?

3- Perspectivas para a tradução do inglês sulista norte-americano no Brasil

A tradução do dialeto inglês sulista norte-americano se vê atualmente diante de muitas possibilidades. Há uma vasta quantidade de particularidades a serem exploradas no âmbito dos estudos da tradução, no fazer tradutório em si, e acima de tudo numa associação entre ambos.

Um dos caminhos que parece se abrir diante deste fenômeno linguístico é o estudo aprofundado das particularidades tradutórias das diferentes subvariedades dialetais. Afinal, um dialeto que é na verdade composto por mais de dez subdialeto deve ser considerado em partes. Haveria porventura traduções que buscam retratar mais especificamente alguma faceta destes subdialeto? Haveria a possibilidade de fazer isto caso não tenha ainda sido feito por ninguém? A proposta desta autora é futuramente trabalhar com a tradução de uma destas subvariedades, e verificar de perto as dificuldades e particularidades desveladas durante o processo tradutório.

De forma geral, acredita-se que a perspectiva maior a ser vislumbrada é a tradução do dialeto como dialeto. Esta questão, sabe-se, é extremamente complexa, pois exige do tradutor um compromisso de trabalho árduo, que pode incluir até o estudo aprofundado de duas variedades dialetais ao mesmo tempo: o texto-fonte e o dialeto a ser usado no texto-alvo.

E, caso tais traduções sejam produzidas, surge outro ponto a ser explorado: a possibilidade de sua comercialização. Sabe-se que historicamente os editores no Brasil têm sido resistentes à publicação de livros em dialeto, e que o mesmo ocorre com os responsáveis pela produção de legendas e dublagens. Porém, uma possibilidade que se apresenta enquanto objeto de estudo é entender o porquê desta resistência. Pesquisas de recepção com estes profissionais poderiam ser muito proveitosas para a compreensão da forma como a tradução em dialeto é encarada por “aqueles que encomendam a tradução”.

Ainda focalizando testes de recepção, há obviamente atores que desempenham papel chave nesta equação: o público consumidor das traduções. Como a tradução de dialeto enquanto dialeto seria recebida por um público leitor e um público que assista a filmes que não tem ainda o hábito de lidar com o português divergente da norma culta em obras artísticas?

Outro elemento que poderia teoricamente acrescentar à tradução de dialeto enquanto dialeto seriam os áudio-livros. Sabe-se que as massas não apresentam nenhuma resistência às ocorrências dialetais apresentadas, por exemplo, na fala de personagens em telenovelas. Assim sendo, surge o questionamento: qual seria a reação destas mesmas massas se apresentadas a uma obra literária em formato de áudio-livro, com uma tradução permeada por elementos dialetais? Qual seria sua reação ouvindo a mesma obra traduzida segundo o português padrão?

As perspectivas mencionadas acima são somente algumas que, num primeiro momento de reflexão, se apresentaram a esta autora. A partir delas é possível perceber que a tradução de dialeto em geral, e especificamente a tradução do inglês sulista norte-americano, constituem promissor objeto de estudo.

4- Conclusão

Devido às diversas questões ligadas à história brasileira, a tradução em geral não tem lidado com questões dialetais em obras traduzidas, sejam obras literárias, fílmicas, programas de TV, dentre outras. Assim, o inglês sulista norte-americano tem sido historicamente excluído das obras nas quais ele desempenha papel fundamental enquanto elemento que é, além de linguístico, também sócio-cultural.

Percebe-se que, apesar de a prática de traduzir o inglês sulista norte-americano ser consideravelmente antiga, a abordagem deste fenômeno de forma sistemática enquanto objeto de estudo da área de tradução é ainda bastante nova e, conseqüentemente, rica em possibilidades.

A sistematização iniciada por esta autora da abordagem historicamente construída junto a este fenômeno linguístico tem sido um primeiro passo numa jornada. Porém, os vários possíveis desdobramentos mencionados anteriormente deixam claro que o potencial desta temática é deveras vasto. Cabe aos estudiosos da área de tradução adotarem este tema em seus estudos, e aos tradutores buscarem novas formas de fazer tradutório frente ao fenômeno estudado.

REFERÊNCIAS

- ALGEO, J. The Origins of southern American English. In: NAGLE, S. J.; SANDERS, S. I. (Ed.). **English in the southern United States**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 6-16.
- HANES, V. L. L. **A Tradução do inglês sulista norte-americano em três filmes dos irmãos Cohen: uma análise descritiva**. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- HERMANS, T. **Translation in systems: descriptive and system-oriented approaches explained**. Manchester: Saint-Jerome, 1999.
- JOHNSON, E.; MONTGOMERY, M. Language in the south. In: _____ (Ed.). **The New encyclopedia of southern culture**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007. p. 1-27.
- MILTON, J. **O Clube do livro e a tradução**. Bauru: EDUSC, 2002.
- TAVARES, A. C. Reflexões sobre o perfil do tradutor. **Babilônia. Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução**, Portugal, n. 6/7, 2009. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/561/56112331013.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2010.
- TOURY, G. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- TWAIN, M. **Adventures of Huckleberry Finn**. Boston: Riverside Editions, 1958.
- _____. **As Aventuras de Huckleberry Finn**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: IBEP Nacional, 2005.
- UNITED STATES CENSUS BUREAU. **Census 2000**. Disponível em: <http://factfinder.census.gov/home/saff/main.html?_lang=>>. Acesso em: 10 fev. 2010.
- WOLFRAM, W. Language variation in the American south: an introduction. **American Speech**, New York, v. 78, n. 2, p. 123-129, 2003.